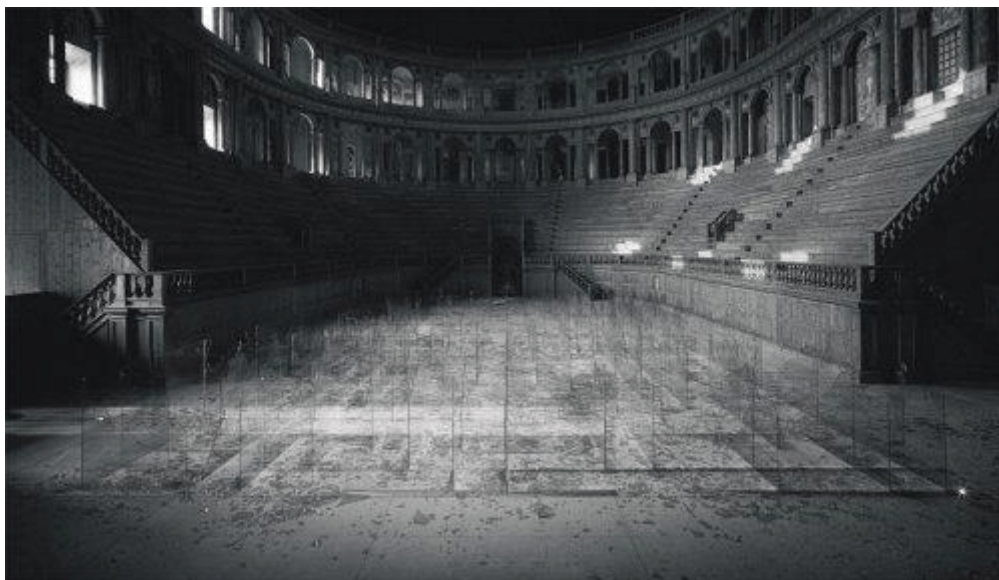


Galeria...

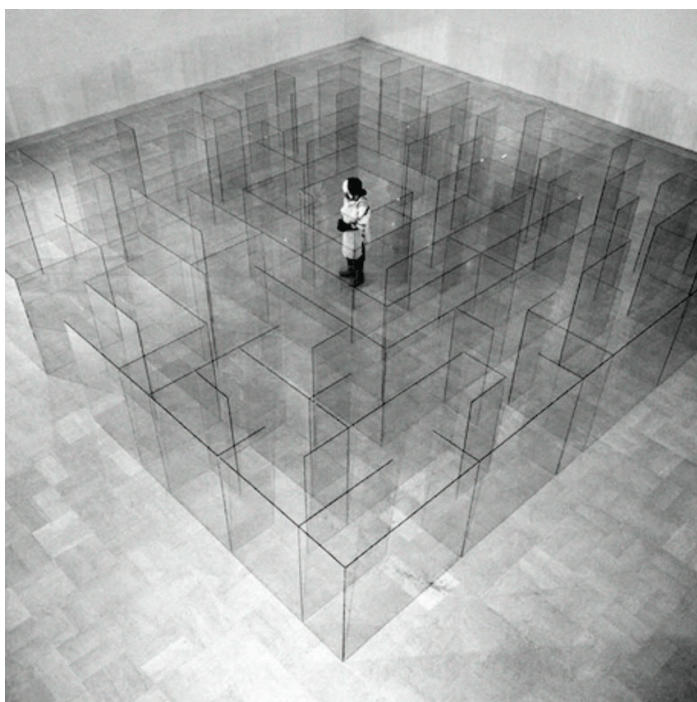
Esta seção é uma galeria para expor e comentar algumas obras que foram citadas durante os encontros ou nas leituras. Permite retornar a essas obras, aprofundar a visão sobre elas, compartilhar observações e reflexões, tecer relações com as ideias e os conceitos discutidos...

Claudio Parmiggiani, Senza titolo (Labirinto di vetri Rotti)



Claudio Parmiggiani, Teatro dell'arte e della guerra, Teatro Farnese, Parma, 2006, Foto Claudio Abate (da Corà 2007)

Claudio Parmiggiani, senza titolo (labirinto di vetri rotti),
realizada originalmente em 1970.



Claudio Parmiggiani, Senza Titolo, 1970, Galleria d'Arte Moderna, Bologna, 2003,
Foto Aurelio Amendola (da Weiermair 2003: 98-99)

Filme de Pascal Convert e Laurent Tarbouriech sobre esta obra de Claudio Parmiggiani. Assistir [aqui](#).

A transparência como labirinto

Comumente pensamos que a eficácia de um labirinto repousa em certa limitação de nosso campo visual. "Não enxergar" muito além do local onde estamos torna os percursos mais difíceis, porque tudo se parece quando não conseguimos ver muito além de nossa situação atual. Enquanto não podemos "ver além" ou "ver a saída" a situação atual, se parece a outra, a outra, a outra pela qual já passamos... Estar perdido num labirinto é sentir que andamos em círculos e que retornamos sempre ao mesmo ponto sem "avançar" em direção à saída.

Na obra sem título conhecida como labirinto de vidros quebrados de Claudio Parmiggiani, o primeiro desses postulados é questionado. O labirinto é um labirinto transparente. Deixa tudo exposto: até aquilo que está fora do labirinto pode ser visto. Em virtude da transparência o "fora" se torna inclusive em parte do "dentro": a paisagem visual criada o inclui. A sala de uma galeria de arte na primeira versão da obra (1970) ou as galerias de um convento ou inclusive um teatro romano em montagens posteriores são mais do que um contexto ou uma moldura: são parte do universo do labirinto.

Esta obra é especialmente interessante para discutir a noção de transparência desenvolvida por Byung-Chul Han em *Sociedade da transparência* (2012). Em labirinto de vidros rotos: vemos que a transparência não destrói a eficácia do labirinto. Ela cria labirintos mais uniformes onde não basta "enxergar" a saída para se "libertar" do labirinto. Enxergar a saída é parte do efeito que nos conduzirá pelos percursos programados do labirinto com a ilusão de seguir nosso próprio desejo ou liberdade. Porém onde tudo parece estar exposto o que prevalece é o que Han chama o "inferno do igual". Nada novo, nada disruptivo, nenhuma alteridade detrás do vidro. Depois do mesmo, segue o mesmo. O labirinto gera uma demora, uma estância num lugar absolutamente vazio.

Longe de ser "inocente" ou inofensiva a matéria da transparência corta: a transparência tem gumes perigosos, a transparência deixa "muita coisa" fora, mostra apenas o que se parece a ela mesma... A obra de Parmeggiani revela os gumes da transparência, revela que a saída do labirinto de cristal não é possível seguindo os "percursos programados": trata-se de destruir o efeito de transparência: sim, de quebrar vidros!

O que resta depois são os vestígios de um combate: alguém lutou não apenas para sair, mas também para destruir o labirinto. Pode ser inútil, perigoso, mas não deixa de ser necessário e, às vezes, até belo: a arte dá seu testemunho.

Jeff Koons, Rabbit e Balloon dog



Rabbit, Jeff Koons (1986) (*)



Balloon dog, Jeff Koons (1994)

(*) Em 2019 Rabbit foi vendida por 91 milhões de dólares num leilão organizado pela Christie's.

"O polido

O polido, limpo, liso e impecável é o sinal da identidade da época atual. É aquilo em que coincidem as esculturas de jeff Koons, os iPhones e a depilação brasileira. Porque é que o polido hoje nos atrai? Além do seu efeito estético, reflete um imperativo social geral: incarna a atual *sociedade positiva*. O que é polido é impecável não dói. Também não oferece qualquer resistência. Solicita-nos um *Gosto [like]*. O objeto polido anula qualquer coisa que possa confrontá-lo. Toda a negatividade é assim eliminada.

[...]

As esculturas de Jeff Koons têm, por assim dizer, a *palidez do espelho*, fazendo com que o observador possa ver-se refletido nelas. A propósito de seu Balloon Dog, por ocasião de uma exposição na Fundação Beyeler, jeff Koons comenta:

'bem vistas as coisas, o Balloon Dog é um objeto maravilhoso. Pretende fortalecer o observador na sua existência. Trabalho muitas vezes com um material refletor e espelhado, porque esse material fortalece automaticamente o observador na confiança que tem em si próprio. Numa divisão sem luz, é evidente que tal coisa não serve para nada. Mas, quando alguém está diretamente diante do objeto, reflete-se nele e certifica-se de si mesmo'

O Balloon Dog nada tem de um cavalo de Troia. Não esconde *nada*. Nenhuma interioridade se oculta por trás da superfície polida.

Como é o caso do *smartphone*, perante as esculturas lisas e lustrosas, cada um não se encontra com o *outro*, mas só consigo mesmo. O lema desta arte é: 'O núcleo é sempre o mesmo: aprende a confiar em ti e na tua própria história. É isso também o que quero transmitir ao observador dos meus trabalhos: ele deve sentir o seu próprio prazer de viver'. A arte abre um campo de eco onde me certifico de mim mesmo e da minha existência. O que se encontra totalmente eliminado é a *alteridade* ou a negatividade do *diferente* e do *estranho*.

A arte de Jeff Koons exhibe uma dimensão *soteriológica*. Promete a *redenção*. O mundo do polido é um mundo de hedonismo, um mundo de pura positividade onde não há dor alguma, ferida alguma, culpa alguma. A escultura *Balloon Venus*, em postura de parto, é a Maria de Jeff Koons. Mas não dá à luz um redentor, um *homo doloris* coberto de feridas e corado de espinhos, mas um *champanhe*, uma garrafa de *Dom Pérignon Rosé*, colheita 2003, que trouxe no seu ventre. Jeff Koons encena-se como um batista que promete uma redenção. Não foi por acaso que a sua série de imagens de 2007 se chamou *Batismo (Baptism)*. A arte de Jeff Koons oficia uma *sacralização do polido*, do *banal*, e, além disso, uma *religião do consumo*, sendo o preço que toda a negatividade deverá ser eliminada.

[...]"

Outros artistas relacionados com o tema da transparência:



Gunter Von Hagens / transparência do corpo (morto)?



The Surveillance Camera Players performing in Times Square (New York City), circa 2001

Surveillance Camera Players / cidades vigiadas-cidades transparentes?



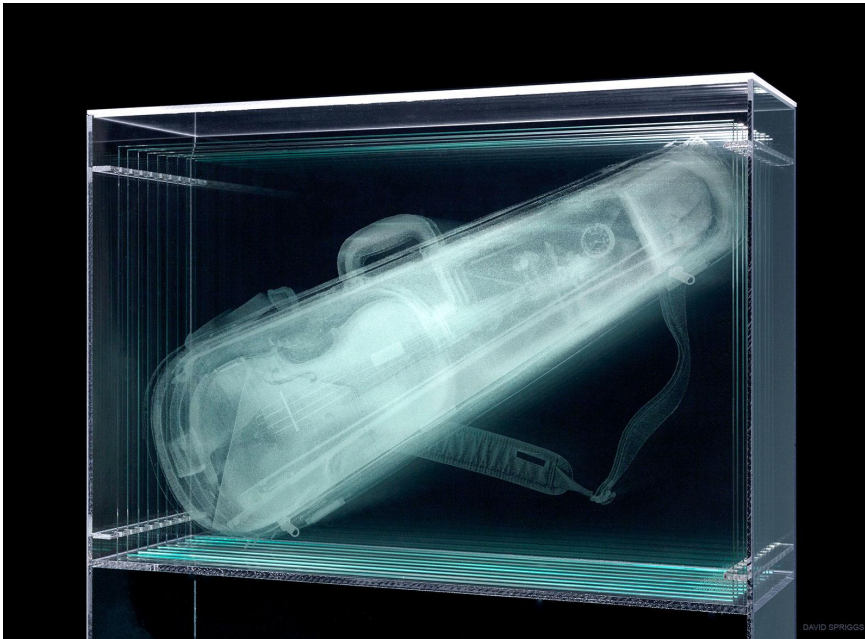
Hasan Elahi: Tracking Transcience: The Orwell project
(trackingtranscience.net)

Hasan Elahi / a autovigilância como obra?



JinYoung Yu: Myself/Them

JinYoung Yu / esculturas das solidões invisíveis?



David Spriggs / os fantasmáticos objetos transparentes?



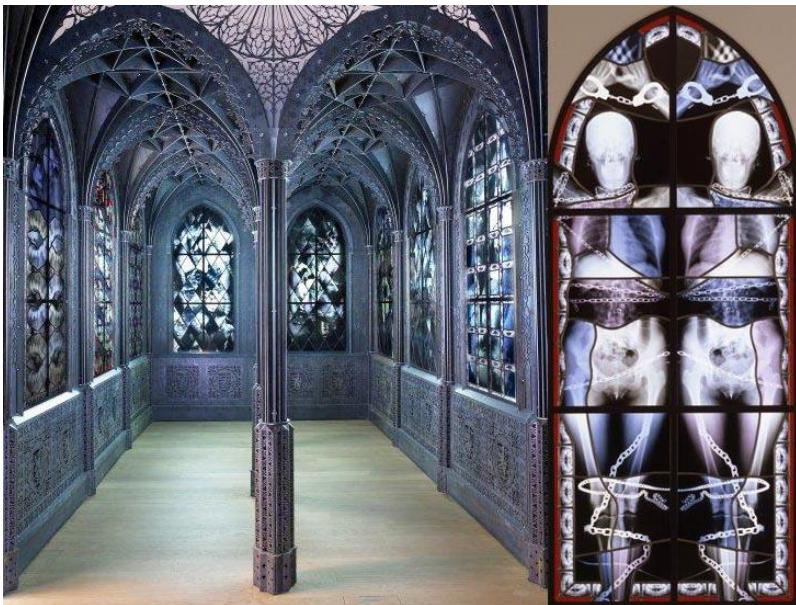
Arturo Torres e Jorge Cristi (arquitetos)/ a casa vitrine?



Dan Graham / perspectivas sobre a luz e a transparência?



Marc Ferrante / o que o raio x mostra?



Wim Delvoye / o erotismo impossível?



Meret Oppenheim / autorretrato dos ossos?